

Director literario:

Alcides Campa
PAPIM

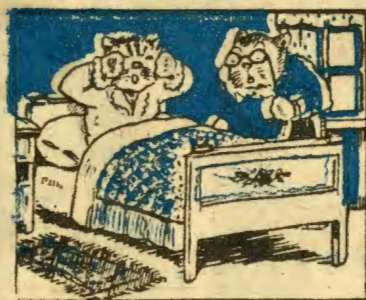
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

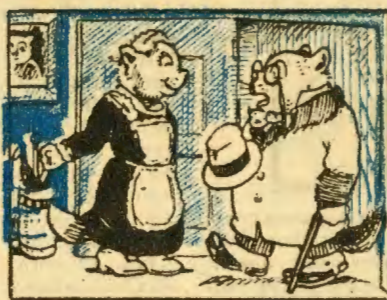
Director artistico:

duarcolatto
PAPUSSE

Barraca de Tandoches



*Certa gatinha que está
Doente com uma dor...
Mandou chamar um doutor
Que era um gatinho angorá.*



*E assim que o médico vem,
Põe-se a mlar:—Miau, miau, miau!...
Como quem diz:—Mau, mau, mau!
Que a doente não vai bem.*



*Auscultando-a quasi nua,
Torna a mlar:—Rinhãkau!...
O rim é que está bem mau;
Quere êle dizer na sua.*



*Respire agora:—Rom, rom...
Faz, rêsprando, a gatinha;
E o doutor, com muita linha:
—«O coração está bom!»*



*Aconselhando a cliente,
Murmura, então, com recato:
—Cautela e caldo de rato,
Não fazem mal a doente!*



*E em frente de um belo prato,
Murmura agora a gatinha:
— Até me sabe a galinha,
Este caldinho de rato!*



A filha das praias

MARIETA vivia numa tósca barraca de madeira que seu pai construira no alto das arribas que dominavam a praia aonde costumava abrigar o barco com que trabalhava.

Eram pobres, mas em casa havia um certo conforto. O mar ali estava perto para fornecer à pequena família o sustento que o pai ia buscar lançando as rês e indo depois vender muito longe o produto da pescaria.

A casinha ficava a bem dizer num ermo, e a pequenita raras vezes tinha outras crianças com quem pudesse brin-



car. Mas o mar era tão lindo, havia na praia tantas conchinhas de vivas cores, do mais irisado e caprichoso colorido, com que ela se entretinha a fazer colares para adornar o colo e os cabelos, corria perto um riacho em cujas águas claras vogavam bandos de patos, e nas margens havia árvores enormes tão cheias de sombra, e na primavera nasciam por aqueles sitios tantas flores mimosas que a vida para ela corria num sonho doce de felicidade, não se lembrando que poderia haver coisas mais ricas, nem maiores alegrias além daquelas que gosava no seu viver simples de gente humilde.

Mas um dia, o inverno foi muito rigoroso, um grande temporal fez naufragar o barco do pai, e só a muito custo o pescador conseguiu salvar a vida.

Foi a miséria, então, em todo o seu horror. Trabalho em terra não era fácil obter, e para o mar só indo num navio que ia para longe é que conseguiu embarque.

Houve lágrimas, mas era preciso partir.

Marieta, a linda criança que dava a todos que a viam a impressão de estar em presença duma deusasinha do Oceano que tivesse vindo espáreecer nas areias do litoral, mostrou-se corajosa.

— Pai, não chore, verá como ha-de ganhar para tornar a ter um barco. Eu hei-de ajudar a mãe, e havemos de ir vivendo. Tenha esperança e verá como tornaremos a ser felizes.

O bom homem partiu. Na casinha da penedia a vida foi correndo trabalhosa.

Mas, num dia em que o sul fôra mais rijo e o frio era cortante, mãe e filha enregelavam sem um bago de carvão nem um pedacinho de lenha para acender o lume.

Inutilmente a pequenita corria a praia dum extremo ao outro à procura dos pedaços de madeira que o rio costumava trazer e o mar atrava à praia.

As ondas varriam tudo, e nada absolutamente nada encontrava. Era em vão que procurava.

Marieta, cheia de frio, molhada pela chuva e pelo salpicar das vagas, já tinha a esperança perdida. Há muitos dias já que a miséria era negra. A mãe adoecera e não podia ir ganhar. Precisava tanto de lhe dar qualquer coisa quente com que a reconfortasse! Sair para ir à ganha por aquele temporal, e nem sequer encontrar uns miseros cavaquinhos que pudesse levar consigo!

A pobresinha sentiu bem funda toda a dor da sua situação, e silenciosas e amargas as lágrimas corriam-lhe lentamente pelas faces.

De repente olhando o mar que rebentava em catadupas de espumas de encontro às rochas, viu surgir sobre as águas uma barquinha que avançava para ela, trazendo dentro toda envolta num sajo de sol que brilhou subitamente, uma senhora formosíssima, vestida de branco, com umas enormes azas de brancura imaculada e coberta por um manto todo tecido de rosas também alvas, que, ligadas umas às outras, faziam um tecido todo de cores perfumadas.

O barquinho corria por cima das ondas encapeladas como se o mar fosse um lago adormecido.

Chegou à areia e a dama sorriu docemente à criança que a olhava extasiada.

— Não sabes quem eu sou, Marieta? Contudo eu acompanho-te sempre. Como hoje me tinhas perdido, eu venho a ti, para que me vejas e não desanimes nunca na luta, pela vida que às vezes é bem dura. Sou a fada Boa-Esperança. Vês a minha barca como corre veloz por cima do mar em furia e consegue vencer os maiores temporais?!



Confia em mim e, através de tudo, conserva sempre a Esperança.

Trabalha, trabalha sem desanimares, que um dia verás os teus esforços recompensados.



Marieta ia a responder, mas a radiosa figura de sonho que ela contemplava, esvaiu-se e desapareceu.

A criança ficou um momento pensativa, depois, alegre, sem quasi se lembrar da tristeza da sua vida, embrenhou-se numa espécie de gruta que os rochedos faziam, e ficou radiante vendo num canto bem seca e enxuta, um grande molho de lenha dos pobres, que o mar dera à costa. A chuva ali não chegara, e ela pegou-lhe de braçado e correu para casa, feliz como a ave que se espaneja ao sol apoz a tempestade.

E o sol também brilhava e abrandara o vento.

Acendeu o lume no chão ao ar livre, junto à porta da barraca. Crepitava a fogueira e a pequenita extasiava-se perante milhares de fagulhas deslumbrantes que se soltavam das chamas.

Mãesinha, venha vêr que coisa linda, venha vêr como é bonito o arder da lenha que eu trouxe.

A mãe conforme poude levantou-se, chegou á porta e ficou maravilhada.

Ela que tinha vivido na cidade e que vira joias raras, reconheceu que o que saía da fogueira e que juncava todo o chão á sua volta era uma chuva de pedras preciosas, de brilhantes e rubis refulgentes como nunca na sua imaginação julgara que pudesse haver.

— Filha, minha Marieta, mas que milagre é este que nos veiu trazer a riqueza?

A criança contou o que se passara e a mãe satisfeita com a felicidade inesperada que recompensara o trabalho da pequenina, abraçou-a comovida.

Passados tempos com o dinheiro das pedras preciosas em que se transformara, ao arder, o feixe de lenha de Marieta, erguia-se no sitio da humilde casinha de madeira, um pequeno palácio onde ela vivia com a mãe e o pai, que de pobre pescador se tornara no rico dono duma



quantidade de barcos que, como um bando de gaiótas brancas pousadas sobre as águas, regressavam da pesca e vinham a tarde abrigar-se na praia.

2-1-1926.

Germana Braz d'Oliveira

Cardoso Lopes



Meus meninos:

O Pim-Pam-Pum presta hoje homenagem a este seu belo colaborador, que é nada mais nada menos que o vosso grande amigo Tiotónio.

CORRESPONDENCIA

Meus caríssimos amigos

Pelas cartas e postais que tenho recebido, vejo que gostam cada vez mais do Pim-Pam-Pum.

Tem muita razão, digo-lhes eu... E ainda não viram o resto!

O concurso... Admirável! O que é pena é que alguns meninos e meninas que têm tanto jeito, para contos, desenhos e poesias, não concorram, ou porque tem vergonha, ou porque são preguiçosos.

Isto não é ralhar... Tenho apreciado imenso as vossas cartas que nunca me massam... Creiam no sempre vosso

TIOTÓNIO

Anita — Boa fideda minha querida sobrinha! mas por enquanto falta o espaço, Agradeço... o resto. Com respeito a surpresa...

Maria José Pereira Marques Fogaca — Recebi cartinha, Serás atendida. José Miguel Filipe de Mira — Recebemos as produções.

Renato Ferrão — E's um sobrinho muito engraçado. Não me ofendi. Manda coisas.

João Augusto da Silva — Queres que imitemos o que já está feito? Da maneira que indicas, ficava com mais folhas, mas mais pequeno o que não convem. Não achas?

João e Néné — Muito bem, meus amiguinhos. Vão vêr que ficam ambos satisfeitos.

Constante leitor — Os assuntos são tantos e o jornal é tão pequeno... No entanto lá havemos de chegar. Mande-nos qual-quer trabalho no género.

Aurora e Amando de Jesus Peres Cabral — Recebi o postal. Serão atendidos, mas quando puder ser. De acordo?

João Braga — Porque não concorre ao concurso do Pim-Pam-Pum. Pode ser que suceda o que deseja. Querendo pode mandar o retrato.

Maria Ilda Oliveira Gouveia — Bravo! Escreve muito bem... Estamos tratando do assunto para meninas. Construções mais tarde.

Maria Gomes de Lacerda — O desenho que nos enviou é extraído de um jornal inglês, pelo jornal espanhol a que se refere. Agradecemos o interesse que tomou pelo Pim-Pam-Pum.

HISTORIA de um REI

QUE TINHA o DEFEITO de ESCUTAR às PORTAS

Quando vi o nosso rei,
Parece que o sol olhei,
De tão lindo que o achei.

O rei cheio de alegria ia bater à porta, para ver a quem pertencia tão acertada opinião, quando se ouviu outra voz, muito parecida com a primeira, que disse:

Pois eu, assim que o olhei,
Tão feio e torto o achei,
Que o julguei bêbo e não rei.

O rei, muito zangado, marcou a porta com uma cruz, para no dia seguinte mandar buscar as duas pessoas que tinham falado. A primeira, pensava o rei, se tiver uma cara e um corpo que digam bem com a voz que tem, caso com ela, e a segunda será enterrada viva, numa serra, cheia de lobos e ursos. Logo de manhã, três soldados do rei, vestidos de malha de ferro, procuraram a tal casa que tinha uma cruz na porta e bateram. Abriu a porta uma velhinha que perguntou o que queriam. Os soldados perguntaram-lhe se era ali que moravam duas pessoas que tinham a voz tão linda como a dos rouxinóis. A velhinha achou-lhes muita graça e respondeu:

Com uma voz assim,
Não é para mim...
Ai! meu Deus do céu!
Vindes enganados...
Aqui, bons soldados,
Quem mora, sou eu.

Os soldados procuraram ainda por outros lugares, mas não encontrando mais porta nenhuma com uma cruz, foram à presença do rei e contaram-lhe o que lhes tinha acontecido. O rei, que não acreditou no que a velhinha tinha dito aos soldados, nessa noite, foi escutar à mesma porta. Passados uns minutos, ouviu-se a mesma voz do dia anterior, a dizer:

Se o rei me beijar um dia,
Eu morrerei de alegria!

O rei ia outra vez bater à porta, muito contente, quando ouviu a segunda voz, dizer:



ERA uma vez um rei, muito vaidoso, que levava parte da noite, vestido de mendigo, a escutar às portas, para saber o que se dizia d'ele. Se alguém tinha a infelicidade de dizer mal do rei, quando ele escutava, no dia seguinte era mandado matar; mas, se pelo contrário, dizia bem, o rei, cheio de reconhecimento, mandava chamar essa pessoa, dava-lhe muitos e ricos presentes e às vezes até a beijava.

Ora, aconteceu que a gente do povo ao saber o que o rei fazia de noite, começou toda, ao serão, a dizer em altos berros coisas lindíssimas do rei, e baixinho... as coisas peiores. Como o rei, só podia ouvir o que se dizia, dentro das casas, em voz alta, daí por diante começou a ouvir imensas palavras elogiosas, o que o trazia muito bem disposto, embora no dia seguinte, gastasse rios de dinheiro em presentes para dar. Chegou quasi a ser um modo de vida elogiar o rei.

Todos os que tinham arranjado dessa maneira algum dinheiro, pensavam: — «Muito feio é ser vaidoso!... Vêjam o tolo do rei!»

E o rei, tão cheio andava da sua pessoa, que nem via que o seu povo o enganava.



Certa noite o rei, ao sair do palácio, viu ao longe uma casa muitíssimo iluminada e dirigiu-se para lá. Pôz o ouvido à escuta e passados momentos, ouviu-se uma voz tão linda como a dum rouxinol que dizia:

Concursos do PIM-PAM-PUM!

ATENÇÃO

O Pim-Pam-Pum! tem o prazer de participar aos seus pequeninos e grandes leitores que desta data em diante até ao próximo dia 1 de Março do corrente ano, se encontram abertos

Três grandes concursos
segundo a seguinte ordem

- 1.º concurso: — Uma poesia infantil
2.º » — Um conto infantil
3.º » — Um desenho infantil

Cada concurso destes será classificado por séries A, B e C, relativamente à idade dos concorrentes e por consequência

Os concorrentes de idade inferior a 14 anos enviarão os seus trabalhos com a designação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e em letra bem legível a série A que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 14 anos até 18 enviarão os seus trabalhos com a designação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e em letra bem legível a série B que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 18 anos — (qualquer que ela seja) — enviarão os seus trabalhos com a indicação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e em letra bem legível a série C sobre que ficam designados.

Cada produção deverá ser enviada à redacção do *Pim-Pam-Pum*, rua do Seculo, 43 — acompanhada de um envelope lacrado, mencionando exteriormente o título da produção, designação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e série A, B ou C conforme o disposto nas condições mencionadas e contendo interiormente o nome, morada e idade dos concorrentes.

A classificação dos trabalhos enviados será feita por um júri competente, constituído por 5 individualidades das mais consagradas cujos nomes publicaremos nas vésperas do encerramento dos concursos.

Três grandes concursos

— do —

PIM-PAM-PUM!

PREMIOS NO VALOR TOTAL
DE 600\$00 ESCUDOS

LISTA DOS PRÉMIOS

- Ao 1.º classificado no 1.º concurso — Série A:
Brinquedos no valor de 50\$00.
» 1.º » » 1.º concurso — Série B:
Livros de poesia e prosa, ricamente ilustrados
no valor de 50\$00.
» 1.º classificado no 1.º concurso — Série C:
100\$00 em dinheiro.
- Ao 1.º » » 2.º » — Série A:
Brinquedos no valor de 50\$00.
» 1.º » » 2.º concurso — Série B:
Livros de poesia e prosa, ricamente ilustrados
no valor de 50\$00.
» 1.º classificado no 2.º concurso — Série C:
100\$00 em dinheiro.
- Ao 1.º » » 3.º » — Série A:
Brinquedos no valor de 50\$00.
» 1.º » » 3.º concurso — Série B:
Livros de poesia, musica e prosa, ricamente
ilustrados no valor de 50\$00.
» 1.º classificado no 3.º concurso — Série C:
100\$00 em dinheiro.

ATENÇÃO

O PIM-PAM-PUM! publicará sucessivamente no lugar de honra todas as produções que obtiverem os 1.º prêmios acompanhadas dos retratos dos seus autores ou autoras e bem assim todas as restantes produções que o PIM-PAM-PUM! entenda merecerem publicidade.

História de um rei que tinha o defeito de escutar às portas

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 5)

morreu, apareceu um elefante gigante, com uma grande tromba, a urrar muito e a dizer que vinha vingar a Princesa, o rato, o gato, o cão, o lobo, o tigre e o leão.

O rei, pensando que os animais acabariam naquê, porque não havia outro animal maior, dispôs de todas as suas forças, e zás-ca-tra-pás... conseguiu cortar a tromba ao elefante. O elefante envergonhado, vendo-se sem o seu melhor enfeite, resolveu morrer. O rei, cançadíssimo, começou a limpar a espada, julgando que tinham acabado os animaes. Mas, de repente, ouviu-se um barulho que fazia medo e apareceu um bicho monstruoso, com sete cabeças diferentes, a dizer que vinha vingar a Princesa, o rato, o gato, o cão, o lobo, o tigre, o leão e mais o elefante.

O rei ajoelhou-se diante do bicho a pedir-lhe perdão e o bicho disse-lhe: «Não!» O rei, então, disse-lhe que nunca mais escutaria às portas, que nunca mais mataria ninguém nem mandaria matar e que lhe perdoasse.

O bicho disse outra vez: «Não!» — e o rei fechou os olhos e deixou-se matar.

daquê pesadê, apareceu-lhe uma fada muito linda e muito boa, que lhe disse:

— Fui eu que te fiz sonhar esse pesadê, para que te corrigisses do teu feio costume de escutar às portas. Se dêsse defeito te não emendares serás devorado. mas a valer, pelo bicho das sete cabeças, que mora numa serra não muito longe daqui. E se tu queres que o teu povo diga bem de ti, faz-lhe todo o bem que puderes.

Dito isto a fada desapareceu e o rei nunca mais escutou às portas, tornando-se um bom rei.

Conto e ilustrações de Eduardo Malta.



Ora isto, foi um sonho que o rei teve. Logo que acordou

HORA do RECREIO

Passatempo divertido

Dois meninos, um com uma vela apagada e outro com uma acesa, ajoelham-se defronte um do outro. Devem ambos ter o pé direito no ar, sustentando-o com uma das mãos para que não toque no chão. Estando os dois em



equilíbrio sobre o joelho esquerdo (veja-se a gravura) tenta o da luz apagada acendê-la na vela que o outro tem na mão. É um jogo dos mais divertidos, pois antes de se conseguir o fim proposto, ambos os jogadores rolarão pelo solo varias vezes se não tiverem destreza consumada.

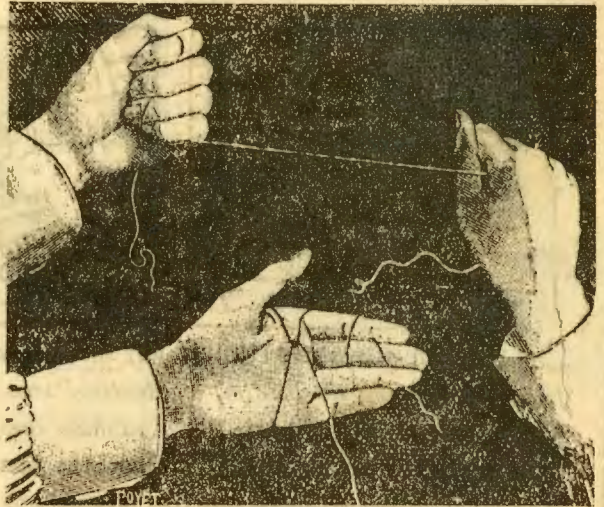
direita, tendo o cuidado de deixar entre as mãos um bom espaço como de 0^m,50 pouco mais ou menos.

Para o processo ser correcto e dar o resultado desejado, deve o cordel formar no meio da mão um Y mais ou menos perfeito, como se vê representado no desenho na parte inferior da nossa gravura.

Disposto assim o cordel e bem estendido o Y, basta agarrar aquele com a outra mão, conservando-as a distancia uns 0^m,50, como indica a parte superior da figura.

Feito isto aproximam-se as mãos e afastam-se de repente dando um golpe seco no ponto de junção dos dois braços do Y, que formam uma verdadeira faca.

Compreende-se bem que, partido bruscamente o cordel,



Sciência prática

Terão visto, sem duvida, a miudo, como os caixeiros das lojas cortam o cordel dos embrulhos sem nenhum instrumento, apenas pegando-lhe de certo modo com ambas as mãos, que juntam e saparam bruscamente.

Talvez tenham julgado que para obter este efeito basta o movimento brusco, e se assim for, estão enganados e pode custar-lhes caro o engano. Vão experimentar fazel-o e cortarão as mãos sem cortar o cordel por menos resistencia que este tenha.

Para cortar a mão um cordel sem este perigo é preciso dispôr-o previamente da forma que vamos explicar.

Coloca-se na mão esquerda o cordel que se deseja cortar e passa-se uma extremidade sobre a outra de modo que se cruzem, deixando-o bastante comprido para dar muitas voltas; volta-se a outra ponta e enrola-se na mão

o choque não leve tempo de se transmitir á carne. Eis aqui uma interessante demonstração do principio da Inércia.

Por este processo pode chegar-se a cortar um cordel de bastante consistencia e sem fazer nenhum doer ás mãos, que é o principal.

As mãos mais delicadas podem fazer impunemente esta curiosa e util experiencia, sempre que ella seja bem feita, quere dizer, que a tração seja rapida depois de se ter disposto o cordel da maneira indicada conforme se mostra na gravura que acompanha este artigo.

Adivinhas

ANEDOTAS INFANTIS

1
Qual é a coisa vermelha,
Que alto mora e alto está,
Que é de cá e de Marselha,
E em muitas cabeças há?!

2
Viaja de noite e dia,
Deitada sobre papeis,
Sem ella não haveria
Nem letreiros, nem paineis?!

Decifração das anteriores:

- 1—Pucarinho
- 2—Fosforo
- 3—Gata.

1.^o
Calino é chamado a toda a pressa para fotografar um morto. Depois de collocar a maquina e dispôr o foco, o retratista volta-se para o cadaver e exclama : — Cuidado não se mecha.

2.^o
Num tribunal.
— O réu é acusado de ter roubado um relógio de uma montra.
— Sr. Juiz, o dono é que teve a culpa de tudo. Sobre o relógio tinha posto um letreiro com estas palavras:
Bôa ocasião.

3.^o
Numa Igreja.
Um sujeito em voz baixa a outro

que lhe está a surripiar a corrente do relógio:

— Devo prevenil-o que é de pechisque.

O gatuno tambem em voz baixa.
— Muito obrigado, julguei que fosse de ouro.

4.^o
Entre boémios.
— Os tempos estão bicudos...
— Empreguei-me.
— O que fazes então?
— Vendo moveis.
— E tens vendido muitos?
— Por enquanto... só os meus.

Marie Luisa Fonseca.

O Fungàgá do Mestre-Porco



Certo dia um fungàgá
Por um porco organizado,
Um tanto ou quanto gágá
Isto é: desafinado,



Resolveu ir sem recatos,
A's portas de cada um,
Com tambor, cornêta e pratos:
—Tá-tá-tchim! Pum, pum, pum, pum!



Mas foi tamanho o banzé,
A' porta da moradia
Que habitava um chimpanzé
Pouco dado à sinfonia,



Que o macacão resolveu
Fingir que vinha ao jardim,
Regar, porque não choveu,
Seus canteiros de alecrim...



Vai sendo quando, (ora chuche
Mestre-Porco, porcalhão)
Apanham todos um duche,
Que lhes fica de lição.



Mas o maéstro elefante
Que tem músculos de arromba,
Avançando, nêsse instante,
Começou a dar à tromba...

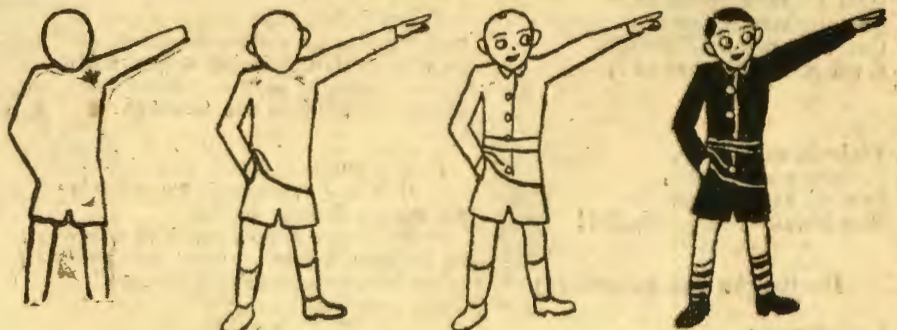


Até que apanha a agulheta,
Dá meia volta à mangueira,
E no chimpanzé a espêta
Em certa partê trazeira.

E ante o caso singular,
A filarmónica ri,
Vendo o macaco a engordar
Inda mais do que o Chabi.



UMA LIÇÃO
DE
DESENHO



COMO SE FAZ O PUM